

FACULDADE UNIUBE
POLO BELO HORIZONTE MG

MEMORIAL ACADÊMICO DESCRITIVO

Alcilene Geralda da Silva
RA:1126513.

Belo Horizonte
2021

FACULDADE UNIUBE

MEMORIAL DESCRITIVO ACADÊMICO

Memorial Acadêmico Descritivo,
solicitado pela faculdade Uniube
em forma de Trabalho de
Conclusão de Curso de Química
Bacharelado.

Professor: Wilson de Souza Benjamim

Por
Alcilene Geralda da Silva

Belo Horizonte

2021

*Dedico esse Memorial Acadêmico
Descritivo ao meu amado e saudoso
Pai, minha Mãe, meu sobrinho Ruan
Pablo e a todos de minha família.*

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	5
2 – DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO	5
2.1 – Descrição dos fatos	5
2.1.1 – Início da minha infância	5
2.2 – De volta para a escola	8
2.3 – Entrada para o mundo financeiro	15
2.4 – Cursando Técnico em Química	17
2.5 – Início de Engenharia Química	19
2.6 – A caminho da graduação	20
3 – CONCLUSÃO DO TCC	21
4 – AGRADECIMENTOS	21
5 – REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	21

1 – INTRODUÇÃO

Este Memorial Acadêmico Descritivo relata a construção de um texto vivido em minha vida a partir de fatos reais.

2 – DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

2.1 – Descrição dos fatos

2.1.1 Início da minha infância

Sou Alcilene Geralda da Silva, vou relatar aqui meu processo de vida estudantil, não poderei deixar de falar de minha família, que para mim é chave que abre a porta para o viver. Sou filha de Benedito Gonçalves Da Silva e Efigênia Fernandes Da Silva. Tenho nove irmãos, sendo seis homens e três mulheres e oito sobrinhos.

Meu querido e saudoso pai, já falecido há sete anos, um acontecimento muito doloroso, e difícil de encontrar, mas são fatos, que não podemos evitar na nossa curiosa vida. Minha amada mãe está forte como uma rocha. Graças ao meu Deus e senhor. Eu venho de uma família simples, humilde e tradicional. Cresci em uma zona rural, chamada de Pedra. Um lugar maravilhoso, com uma natureza abundante, um solo muito rico em minerais, plantações eram belíssimas e a colheita muito satisfatória. Minha família sempre viveu de trabalhar no campo, nas lavouras, etc. trabalho braçal mesmo. Nunca foi fácil lidar com a terra. O trabalho é duro e requer muita energia, vontade e disposição. Mas como mencionei anteriormente, a recompensa é boa. Lembro-me que meu pai e meus irmãos mais velhos iam para a roça todos os dias. Roçavam, capinavam, plantavam, colhia. E quando não estavam lavorando, faziam o trabalho de casa e cuidavam dos irmãos mais novos. Minha mãe cozinhava, lavava, e cuidava das crianças. Quando eu ingressei na escola, eu já tinha sete anos de idade, porque ainda não utilizavam o pré-escolar. Era ensino fundamental de primeira a quarta série. Como naquela época, os governantes ofereciam uma única escola para todas as séries ao mesmo momento, eu sempre tive a companhia de um irmão junto a sala de aula. Pois a diferença de idade entre nós permitia essa condição. A escola ficava entre dois a três quilômetros de minha casa, geralmente ao longo do caminho combinávamos

com nossos colegas de quem chegasse primeiro esperava uns aos outros, íamos a pé, conversando, brincando. Era sempre muito divertido, porque apesar de todos viverem em localidades rurais e terem as mesmas atividades, os assuntos que cada um trazia de dentro de casa, com seu convívio familiar, eram muito interessantes. Quando a gente é criança, você não exige muito da vida, e seu momento favorito é a hora de encontrar com os companheiros, pular, gritar, sorrir... em fim.. fazer arte (bagunça) esqueci de mencionar o horário do recreio. A famosa merenda escolar, esse também é um dos momentos únicos na vida... porque ali você não tinha escolha. Se tivesse a merenda que eu gostasse, ótimo, até valia repetir, mas se não tivesse, havia duas opções: comer ou ficar com fome. Hoje vivemos numa realidade muito diferente. As redes de ensino público oferece um sistema de alimentação muito adequado para os alunos, controlado por nutricionistas e outros tipos de profissionais. Na verdade hoje tenho uma visão diferente sobre as escolas em geral. Antigamente não tinha muita tecnologia, os métodos eram convencionais, provas e exercícios elaborados a mão e o interesse no aprendizado era maior entre as crianças. A busca por aprender e passar de ano com notas boas era prazeroso.

Atualmente, as entidades públicas ficaram muito bem equipadas tecnologicamente, e a falta de interesse pelos alunos com o aprendizado é assustador. Infelizmente as crianças e jovens veem nas escolas um lugar para passeio, lazer, pontos românticos. Eu vejo uma relação mal interpretada hoje de que é ter direito e ter compromisso. A sociedade diz, é direito do aluno, da criança e do adolescente, eles fingem não entender e extrapolam. Não leva os estudos a sério, não adquirem conhecimentos necessários, e a maioria geralmente se perde no caminho para drogas, violência e poucos conseguem ingressar na faculdade e trabalharem para ter dias dignos de qualquer ser humano. Mas quero deixar bem claro aqui que não é conseguir entrar na faculdade e se formar que se consolida uma pessoa. Na minha casa, sou a única que conseguiu estudar, fazer outros cursos e estar na faculdade. Como venho dizendo, as condições eram difíceis. O trabalho era constante. Trabalhávamos para termos o essencial, não tínhamos dinheiro de sobra. Meu pai era lavrador e fez o melhor que pode para nos. Nunca nos faltou o alimento, o que naquela época era prioridade.

Então ele nos deu o pão, e o mais importante para mim e para todos da minha família o Amor.

Quando uma família tem a base feita de amor, o restante como: respeito, compromisso, honestidade, caráter, valores, vem logo atrás. Meus irmãos não tiveram a oportunidade de cursar a faculdade, mas tenho a honra de dizer que são professores, doutores em honestidade, trabalho, respeito, valores em geral. É óbvio que se eles pudessem ter entrado em uma faculdade e terem formados, seria sim maravilhoso, mas essa condição não alterou ou definiu o caráter deles e isso me faz orgulhosa. Quando formei na quarta série eu tinha 10 anos. Sempre fui dedicada aos estudos e passava com certa facilidade de série escolar. Como fui criada por pais tradicionais e conservadores eu tive que amadurecer muito depressa. Trabalhava em casa, cozinhava, etc. no período que eu deveria ir para a cidade, cursar a quinta série do ensino fundamental, a prefeitura municipal não oferecia transporte escolar para minha localidade rural. Isto porque, alegavam ser um município pequeno e a quantidade de alunos não era suficiente para disponibilizar o carro escolar. A distância era mais de 10 quilômetros e não tinha outra forma de chegar até a escola se não por uso de algum tipo de automóvel. Nesse tempo, fiquei em casa com os meus afazeres e também com as diversões. Porque em tudo nessa vida, se extrai algo positivo. Com o passar dos anos vieram chegando os desejos e sonhos. E um de meus sonhos era retornar a escola, mas como tudo é no tempo do Senhor, era uma vontade ainda longe de acontecer. Depois de alguns anos, quando finalmente o governo local, colocou o transporte escolar rodar na Pedra, minha avó materna teve problemas de saúde e começou a necessitar dos cuidados de seus filhos. Então minha mãe começou uma luta constante para ajudar a cuidar dela. Como minha irmã mais velha já tinha casado e acima de mim foi trabalhar fora, cabia a mim ficar com a responsabilidade de cuidar da casa, do pai, irmãos e irmãzinha pequena. Não foi uma época fácil, porque eu era uma adolescente tendo que viver uma vida de adulto. O compromisso era grande, mas como tudo tem seu lado positivo, a hora de assistir a esperada malhação anos 2000 era muito gratificante (risos). Apaixonada por novelas, com seus enredos românticos, daí com esse vício por romances, eu fui criando sonhos, expectativas, mas o desejo de voltar a estudar, não adormecia. Minha avó devido ao passar do tempo e as

complicações de saúde, veio a falecer. Fui um momento muito difícil, pois minha mãe sofreu bastante e nós também.

2.2 – De volta a escola

Finalmente no ano 2005, consegui retornar a Escola Estadual Doutor Gama Cerqueira. No princípio eu cheguei lá bem apreensiva, porque eram pessoas desconhecidas, anos longe de livros e caderno. Então o medo era normal. Medo de não conseguir, de recomeçar tudo novamente e de não ser bem aceita pelas pessoas. Recordo que quando entrei na Kombi escolar no primeiro dia para ir a escola a ansiedade tomou conta de mim. Quando o carro parou e desci para entrar, era uma sensação muito estranha. Cheguei, pedi informações de onde seria minha sala, então a supervisora me conduziu até o quinto ano 2. Era uma sala que estudavam alunos mais velhos, uns tinham a mesma situação que a minha e outros eram porque havia repetido de anos algumas vezes. Quando cheguei e olhei aquele ambiente, umas crianças muito quietas e outros bagunceiros, falando alto, confesso que me bateu desânimo. Eu me perguntava, o que estou fazendo aqui. Eu poderia estar na minha casa, junto com minha mãe, assistindo um desenho, sei lá! E detalhe minha irmã mais nova Regiane também estava nessa escola, ela já tinha terminado a quarta série, e foi para o quinto ano 1. Então a pressão e responsabilidade para mim era ainda maior por esse fato. A princípio entrou na sala a professora de matemática, Sandra é o nome dela. O método de ensino dela era bem convencional. Ela passa todo o conteúdo no quadro negro, os alunos copiavam e em seguida ela explicava item por item. Ótima professora. Com o passar do tempo fui interagindo com os colegas, professores, supervisores. Relaxei bastante. Nas primeiras avaliações, fiquei preocupada, mas graça a minha dedicação consegui tirar boas notas. Fui conquistando a simpatia de todos, claro que sempre existe aqueles ou aquelas que tem olham meio assim. Mas tudo bem, faz parte. Ao longo do ano fui tendo conhecimento das histórias de vida de alguns de meus colegas mais próximo e posso afirmar que foram marcantes. Uma que mais me chamou atenção é de minha amiga, Janaína. Ela estava com problemas renais. Estava indo para as aulas todos os dias, mais não conseguia aprender muito devido a essa condição. Nós tornamos muito amiga, porque ela era muito gente boa e guerreira. Eu via

nela uma inspiração para continuar. Um dia ela veio conversar comigo, me disse que iria sair da escola para fazer o tratamento de rins. Como ela teria que estar sempre indo a Belo Horizonte, aos médicos, não iria conseguir conciliar as duas coisas. Eu fiquei muito triste, porque ela sendo tão jovem, ter que deixar os estudos por causa de uma doença. Lamentável. Continuei. Ao final do ano, as supervisoras perceberam meu esforço e disse que no próximo ano eu iria estudar no sexto ano 1, junto com os alunos mais jovens e que ela considerava mais aplicados. Eu fiquei surpresa, porque além de eu deixar os colegas que já estava acostumada e ter que ir para outra sala que era de alunos bem mais jovens e também minha irmã. Mas eu tinha que ir. Então, continuei agindo como antes. Prestando atenção nas explicações, esforçando para aprender. Os professores eram praticamente os mesmos, fiz novos amigos, tudo indo bem até então. Estudar na mesma sala da irmã mais nova, onde ela não leva os estudos tão a sério como você, iria ter confusão. A Regiane queria mesmo era conversar, rir com os colegas e as notas não eram boas. Eu também conversava e ria, mas na hora de aprender eu era presente. Eu penso que tudo tem o momento oportuno, mas minha irmã não pensava como eu e os professores e supervisores não queria saber desta diferença. Eles pensavam e queriam que a Regiane tivesse também o mesmo interesse pelos estudos, e começou a fazer comparações, me colocando numa situação desconfortável. Queriam que eu assumisse o compromisso e responsabilidade de ajudar e ao mesmo tempo mudar a cabeça de minha irmã. É possível isso? Naquele momento não, porque ela ainda era uma criança, e esses tipos de pensamento ou você os tens, ou adquire com o tempo de vida. Mas eu ia levando. Apesar de conseguir boas notas em todas as disciplinas, tem aquelas que eu tinha minha preferência como geografia, ciências, educação física. Todos amam educação física. É claro que com o passar dos anos as dificuldades vão aumentando, porque os conteúdos das disciplinas mudam. Como por exemplo, a matemática da sétima série. Lembro que começamos a estudar logaritmos, potência, inequações. Não esqueço, como foi difícil aprender inequações. E também teve mudança de professor. Não era mais a Sandra, era o senhor Messias. Ele era antigo na escola e muito reconhecido por seus ensinamentos, seu método era o oposto da Sandra. Em uma avaliação onde ela colocava 20 questões, o messias colocava 05. Nós tínhamos a obrigação de acertar pelo menos 03 para conseguir a famosa média

e ele iria nos acompanhar desde a sétima série ao terceiro ano do ensino médio, em fim até o final do curso. Quando cheguei à oitava série, no lugar de ciências começou uma nova disciplina. Lá na sétima série, todos já comentavam sobre essa matéria e a professora Lurdinha. Foi em 2008 que começou esse meu amor pela química. As primeiras falas relacionado a matéria, energia, se tornou os horários melhores em relação as aulas que eu assistia, não só eu, mas outros alunos também gostavam da disciplina. A escola estadual Doutor Gama Cerqueira, era bem conceituada. Todo ano, no mês de outubro ela apresentava um evento educacional. Era uma feira de ciências e cada série, desde o quinto ano até o terceiro ano do ensino médio, escolhia um tema para apresentações. Toda série tinha um professor, como padrinho ou madrinha. Este tinha o compromisso de acompanhar e ajudar os alunos a desenvolver cada tema escolhido. Da quinta até a sétima, falavam sobre diversos assuntos. Exemplos, como festa junina, danças, etc., já da oitava série ao terceiro ano, escolhiam temas específicos relacionados a química, física e biologia. Quando eu estava na sexta série, nossa feira foi sobre milho. Como apareceu na natureza, como se planta, se cultiva, produção, tudo que podíamos ter através do milho. Levamos, milho verde, fubá, milho de pipoca, suco de milho verde, etc. E a palha que não poderia faltar. Foi um assunto muito peculiar. No momento achamos que seria meio vago, mas depois que fomos descobrindo a diversidade de coisas que o milho nos oferecia, foi muito interessante. A partir do momento que fui pulando as etapas de cada curso, a gente vai descobrindo um novo na vida. Eu tenho que agradecer muitas pessoas que me apoiaram nessa trajetória, mas uma em especial, foi uma supervisora que se chama Fátima, Fatinha. Ela se tornou uma espécie de rocha que me equilibrava, até mesmo quando eu tirava notas, menos significativa, não recebia critica da parte dela. Pelo o contrário, ela tentava justificar e ainda depositava confiança em mim. Eu lembro que eu estava na oitava série, nós estudávamos em uma sala maior, mais arejada e confortável. Era semana das provas que valiam dez pontos, e o nosso professor de inglês, pediu-nos a sala emprestada para aplicar as avaliações para a turma do sexto ano 1 e sexto ano 2. Ele queria fazer uma junção para facilitar a situação. No dia, não foi possível ceder a sala e o professor ficou bem chateado com minha turma, e quando chegou a nossa vez de fazer a avaliação de inglês, ele pegou pesado com a gente. Meu senhor, que prova foi aquela. Foi em dupla, mas sabe

quando o seu parceiro sabe menos que você, foi isso que aconteceu tiramos zero, lembro-me que 0,8. Foi a primeira vez na minha vida, um sentimento de tristeza e frustração tomou conta de mim naquele instante. Eu não sabia compreender nem explicar o porque de zerar uma prova de inglês. Mas a supervisora Fatinha não me criticou, não me expôs hora nenhuma diante de meus colegas. Sempre me animando para continuar. Eu acredito que nessa vida tudo é um aprendizado, para você conseguir lidar com outras situações adversas que viriam.

Primeiro ano do ensino médio, mais química, e um salto para física. A professora de física Genice Marinho era também a diretora da escola, ela era muito conhecida por ser uma educadora exigente e muito profissional em ambas situações. Ela gostava que seus alunos a respeitasse e aprendesse, era o seu lema. O conhecimento dela tinha que ser passado de aluno a aluno e aí daquele que não quisesse e ousasse perturbar e prejudicar aqueles que queriam, era convidado a se retirar da sala e seguido de punição. Eu em particular, tinha muito medo dela porque quando agente vai cursar o primeiro ano do ensino médio, começam nos assustar com o quanto difícil é física e quando vai ser uma professora como a Genice, a situação piora um pouco. E o mais interessante é que tirar zero e em suas avaliações e ficar na famosa recuperação era totalmente normal e aceitável. Ao longo dos três meses. Ao final de cada bimestre, fazíamos as provas de dez durante uma semana. Eram através dessas que conseguíamos a pontuação necessária para alcançarmos a média do boletim escolar. Eu estava preste a ter mais uma experiência na minha vida, essa eu acredito que tenha sido mais desagradável que a prova de inglês da oitava. Fiquei em recuperação pela primeira vez durante anos de escola. Física, movimento uniforme uniformemente variado. São conteúdos que mesmo com o passar dos anos, ainda enfrentamos dificuldades para compreendermos. Embora eu estivesse apaixonando pela química, eu sempre tive um amor por palavras e frases. Como eu era amantes de novelas e filmes, a gente ouvia sempre muitas palavras diferentes e meu interesse em saber o significado era instantâneo. Eu esperava para jantar, mas para correr para o dicionário, não. Nas escolas sempre ganhávamos o mini Aurélio, nome de um determinado dicionário e naquela época, usávamos muito. Uma das palavras que mais me intrigou foi frivolidade,

quando soube de que se tratava, me perguntava porque não usar um termo mais simples. Antes eu pensava que nem todo o público tem a mesma curiosidade e um dicionário em mãos como eu. Mas agora acredito que o uso dessas palavras em teledramaturgias, é uma forma para atizar o conhecimento das pessoas. Fazer poesias, pensamentos pra uma distração no intervalos das aulas. No ensino médio, a disciplina de português foi sempre muito interessante e muito diversificada. Você aprende como construir textos, como dar sentido e interpretar através da característica que há nele. Minhas construções de textos, sempre foram voltadas para o lado sentimental da vida. (Tudo haver, novelas, filmes, romances, poesia) sempre tive um lado romancista na vida e minha visão hoje, é que pessoas com esse pensamento tendem em ter relacionamentos fracassados. Porque ficam idealizando fantasias, príncipes, contos de fadas e não vive o que é real, desiludem fácil. Eu sempre fui uma pessoa que não gosta de misturar as coisas, escola é lugar para estudar e aprender, você tem que estar focado nas aulas e explicações dos seus professores, esse é seu dever, seu compromisso. Qualquer outro tipo de atividade que não tenha relação com estudo, atrapalha seu desenvolvimento estudantil. Então, nunca fui do tipo que namorasse na escola. Penso que isso se deve ao fato de ter ido estudar já mais velha e ter uma mente mais madura .Ter essa maturidade , foi muito positivo para mim em termos de estudar , fazer bem a lição de casa, mas analiso muito hoje, o quanto isso representa na minha vida, e posso dizer que o caminho não é fácil. Quando passei do segundo ano do ensino médio par o terceiro entre os anos de 2010 a 2011, novas expectativas surgiam. Como seria nossa formatura, fotos, camisa, passeio de fim de curso, quem iria tentar entrar na faculdade, quem iriam trabalhar e etc. Mas a única certeza é que tínhamos que concluir mais essa etapa, e que nossa dedicação seria maior. Quando agente entra na sala de uma turma de terceiro ano do ensino médio a cobrança por parte da escola é intensa, frases como: vocês já estão no fim do curso, então vocês tem que agir com mais responsabilidade para alcançar seus objetivos. É claro que eles desempenhavam muito bem essa função, são seus trabalhos e de certa forma, queriam nos ver bem futuramente, mas é cansativa tanta cobrança. Morar em uma zona rural e se deslocar onze quilômetros todos os dias para estudar tem suas dificuldades. A cidade de Belo vale, fica a noventa quilômetros da capital Belo Horizonte, aproximadamente uma hora e quarenta minutos de

percurso e abrange mais de vinte municípios, sendo todos zonas rurais. Como a prefeitura municipal só oferecia o transporte escolar para zonas rurais no período da manhã a escola teve que criar um método para que todas as crianças conseguissem estudar tranquilamente, então houve a necessidade de estudar apenas de manhã, crianças trazidas das zonas rurais. E alunos que residiam dentro da cidade de Belo Vale estudavam no período da tarde. Antigamente as populações rurais, eram pessoas consideradas bem simples, modesta, pelo jeito que viviam e o medo da rejeição ao chegar à escola por alunos da cidade era muito grande. Então foi uma forma benéfica para todos naquela época. Mas hoje acredito, que esse tipo de separação não deve existir, apesar da escola não ter agido por esse tipo de problema e sim por causa do transporte. Mas se houver respeito, todos viveremos bem. Quando você chega ao terceiro ano do ensino médio você pode participar do Enem e foi isso que nos aconteceu. Fomos no sábado e no domingo para Congonhas, uma cidade vizinha, já que aqui não aconteciam essas provas. Foi um ônibus lotado de pessoas ansiosas e com medo. Não sabíamos o que nos esperavam e se iríamos conseguir responder as questões e superar as expectativas depositadas sobre nós. Lembro-me que entrei, recebi a prova, quando comecei a ler as questões de matemática eu me perguntava constantemente: Deus, o que é que estou fazendo aqui. Era tão difícil e o tempo não passava, não tinha fim e meu psicológico abalou todinho. Foi mês de novembro e um dia muito chuvoso e quando me retirei da sala, tinha esquecido minha sombrinha embaixo da carteira. A falta de experiência e conhecimento nos faz cair em situações desagradáveis em muitas circunstâncias. Quando voltei para pegar minha sombrinha eu me deparei com um senhor que estava ali no corredor, em frente à porta da sala. No momento que eu explicar para ele o porquê da minha volta, ele começou a me questionar e falar mal, dizia que eu não tinha o porquê voltar e que minha prova seria anulada, que eu estava desobedecendo à regra, enfim, um monte de palavras grossas, frases mal educadas sem necessidade, que me fizeram sentir mal e constrangidas ao mesmo tempo, e mais uma vez me questionar, por que eu deveria estar ali e por que eu deveria voltar ali no próximo dia. Não seria aquele acontecimento chato minha válvula de escape. Mas como sempre fui uma pessoa muito teimosa, deixar de completar o que eu tinha proposto para mim, não fazia parte dos meus planos. No dia seguinte fiz a prova, fiz a redação, agora

não recordo o tema. Quando voltamos, dei mais uma mancada para fechar o fim de semana com chave de ouro (risos). Desci do ônibus no ponto errado, uns 400 metros antes do lugar que eu devia descer, foi uma cena ridícula, porque eu comecei a gritar o motorista pra ele parar o ônibus, porque eu tinha descido no lugar errado. O meu grude da escola e amigo Willian ria o tempo todo. No outro dia eu fui a piada da escola e geralmente essas coisas as pessoas demoram pra esquecer, era um deboche total. Apesar de todas as coisas desagradáveis que tinha me ocorrido, naqueles dias, foi uma experiência muito boa, eu estava conseguindo sair para buscar oportunidades na vida. Ficar diante de uma avaliação super difícil e por varias horas, ter que esperar, levar o momento com certa paciência, eu acredito que foi muito positivo para mim, porque através desse fato eu iria ter mais coragem dali a diante. Uma coisa muito importante que aconteceu comigo e com minha família, tivemos que mudar para cidade. Como a estrada lá na Pedra estava numa situação muito ruim, minha mãe tinha feito uma cirurgia de tireoide e meu pai já estava mais idoso, teve essa necessidade de irmos para Belo Vale. Como a gente já estava praticamente no fim do ano, era o momento de conscientizar e entender que o terceiro ano estava ficando pra trás como os outros, mas esse era mais especial porque novas experiências nos aguardavam. Todo terceiro ano que se formava tinha o direito a alugar um sitio e passar o dia todo nele. Era uma forma de manter todos unidos e distrair um pouco, já que nossas cabeças estavam sempre voltadas para nossa formatura. Fomos todos, juntamente com professores responsáveis pela minha turma. Era um sítio lindo, com muitas arvores em volta, um café da manhã muito gostoso, balanços, piscina, valeu muito o dia. Quando finalmente conseguimos finalizar o terceiro ano e fomos para missa e entrega de diplomas, teve mais surpresas. Professores que não tinha nenhum diálogo com a gente, além daquele de professor e aluno, estavam sentados ali dentro da igreja, na frente, assumindo um papel de amigo conselheiro. Não esqueço a frase dele: não vai parar agora, tem que seguir, você é muito inteligente e esforçada, tem tudo para dar certo. Realmente mexeu comigo. Me deu uma injeção de ânimo a mais. Por mais que as pessoas digam, eu não ligo para que os outros pensam sobre mim, faço o que tenho vontade. Quando a gente ouve certas palavras de alguém que você respeita e admira, isso faz sentido na sua vida sim e foi isso que aconteceu comigo naquele instante. Dali para frente tudo iria mudar. Novas pessoas

surgiriam em nossas vidas, através de emprego, cursos, etc. Eu deixei o colegial, amando química, eu estava obstinada em fazer esse curso, queria muito. Mas eu não tinha dinheiro e precisava arrumar um trabalho. Quando você cresce e vive na roça (zona rural) como eu, a gente aprende a trabalhar muito e não exige muita coisa. Então eu estava preparada para pegar no batente, como dizem. Eu não estou querendo dizer aqui que não somos pessoas sensíveis e que não sofremos como todos. Sentimos e muito, mas somos casca grossa (risos). Na roça você não tem tempo para escolher algumas coisas, e principalmente trabalho.

2.3 – Entrada para o mundo financeiro

Comecei a trabalhar ao lado de minha casa, cuidando de uma senhora que tinha problemas de locomoção. Ela tinha artrite reumatoide e o mais curioso é que a filha também apresentava essa doença. Então eu tinha que fazer o almoço, servi-la e depois limpar a cozinha. Fiquei lá por apenas um mês, já que eu cobria a férias da moça que realmente trabalhava lá e ela voltou. Depois disso me veio novamente a vontade de estudar química e como minha mãe sempre gostou de ouvir rádio, eu escutei que na cidade de Congonhas, tinha uma escola de cursos técnicos e naquele ano de 2012, o curso de técnico em química tinha sido aprovado e eles iriam oferecer bolsas. Eu fiquei muito eufórica e ansiosa com essa informação. Eu tinha que arrumar um jeito de ir lá e conversar com esse diretor. Sabe quando você é uma pessoa muito teimosa, e que nada que te falem você escuta, sempre fui assim. É melhor você arrepender-se de algo que tentou do que ficar com o sentimento de covardia por não ter tentado. É claro que nessa frase existem muitas exceções quanto a ela. Se eu não sei nadar, eu vou pular no mar, ou qualquer outro lugar fundo e me afogar, tendo a certeza que vou morrer. Não né! Mais para frente eu tive outra informação que me ajudaria. O prefeito da cidade local era amigo do diretor dessa escola e talvez se eu conversasse com o prefeito e se esse entrasse em contato com o diretor e falasse sobre minha vontade, seria uma possibilidade a mais para eu conseguir essa bolsa. Assim eu fiz, no dia seguinte fui até a prefeitura e expliquei a situação, ele fez uma ligação e pediu que eu fosse até Congonhas e procurasse o diretor. Assim fiz, fui com a cara e a coragem. Como não sabia chegar sozinha

ate a escola técnica, meu primo foi comigo. A conversa não teve o resultado que eu esperava, digamos que ele não se interessou muito por minha situação. Mas foi educado, me tratou com respeito. Na próxima semana eu iria começar a trabalhar em um novo serviço. Eu tinha que cuidar de duas crianças, enquanto a mãe delas trabalhava em uma empresa mineradora. O serviço era longe, eu tinha que andar uns três quilômetros todos os dias e não tinha um horário certo para sair, porque o trabalho da senhora também era longe. Ela saía de casa por volta das seis e meia da manhã e geralmente retornava depois das dezoito horas. Então era puxado para mim e para ela. O que achei mais interessante e curioso, era que esta senhora que eu trabalhava era formada em engenharia de produção, mas tinha o curso técnico de química e trabalhava como coordenadora do laboratório químico dessa empresa, coincidência ou providência divina. Conversei com ela e falei do meu interesse em estudar química. Ela me deu total apoio, disse que era uma área de atuação muito boa, que eu podia trabalhar em diversos lugares. Eu animei ainda mais, agora com esse novo emprego, o dinheiro talvez não fosse mais o grande problema e sim o tempo. Permaneci no trabalho tranquilo, fazendo o que tinha que ser feito, mas confesso que cuidar de crianças não é fácil e gostoso (risos). O modo de educar as crianças nos dias atuais não tem nada a ver com o jeito que meus pais educaram a mim e meus irmãos. Certo dia ouvi novamente no rádio sobre o curso técnico de química. Esse era na cidade de conselheiro Lafaiete e a escola se chamava UEM.(Unidade de Ensino Moderno) e a mensalidade era acessível para mim e tinha as vans escolares que levavam alunos todos os dias para estudar em outros locais nessa mesma cidade. Mas como nada é fácil, o horário do transporte não combinava com o do meu trabalho. Mas coloquei na minha cabeça que eu tinha que me inscrever e fazer esse curso, mas eu precisava arrumar um outro serviço que eu pudesse sair mais cedo, pelo menos as dezesseis horas, já que a van para saía as dezessete e trinta da cidade. Lembrei-me do prefeito, chamei um amigo e fomos até a casa dele tentar essa oportunidade. Ele foi bem taxativo comigo, disse que tinha uma vaga, que era para área de transporte, lidava direto com computação e se eu quisesse arriscar. Na hora deu medo, porque não é fácil começar com o novo, e eu não tinha afinidade alguma com computador, mas era a minha chance. Logo após conversei com minha patroa e expliquei para ela, no principio ela não queria

aceitar, mais ela entendeu que era minha oportunidade. Então no dia cinco de julho de dois mil e doze, iniciei meu trabalho na prefeitura, dai comecei a juntar um dinheiro e fiz minha inscrição para o curso de técnico em química para o próximo ano.

2.4 – Cursando Técnico em Química

No primeiro dia de aula, cheguei assustada, mas as pessoas ali eram tão legais, que logo fiquei mais a vontade. Eles eram simples e ninguém queria ser melhor que ninguém, pelo contrário, ajudavam um ao outro sempre. Era incrível isso. O coordenador e também professor de química do nosso curso Rodrigo sempre dedicado e atencioso, peça fundamental pra os alunos. Lembro que eu me dava bem com todos, fiz amizade com a Mayara, Guilherme e a Dani. Erámos o quarteto andante. Todo dia na hora do intervalo íamos passear ou comer empada. Eu sempre gostei muito de rir e brincar com as pessoas, como em todo lugar, tinha aqueles engraçadinhos que amava fazer uma piada. Como Belo Vale é uma cidade muito conhecida por ser a terra da mexerica ponkan, tem uma diversidade de cachoeiras e muito minério de ferro, eles me apelidaram de belô. Como sempre fui cruzeirense fanática, (risos) era o melhor motivo para pegarem no meu pé. Defender e fazer aquela resenha, confesso que era muito prazeroso. Eu gostava tanto, que sonhei muitas vezes em também ser jornalista e especializar em esportes. Me via sentada naquelas bancadas comentando futebol com os companheiros. Mas era apenas um sonho. O curso estava indo muito bem, como disse ótimos colegas, professores, bom humor, mas em agosto do ano de dois mil e quatorze, meu pai adoeceu. Ele começou com as pernas frias e foi escurecendo. A noite eu levantava, estregava as pernas dele, usava o secador com intenção de aquece-las. Quando o levamos ao médico, ele nos avisou que era trombose devido a uma arritmia cárdica. Na segunda feira iríamos leva-lo a um angiologista, para fazer o tratamento, mas no domingo mesmo por complicações ele teve um acidente vascular cerebral e ficou muito mal internado. O mundo acabou para mim naquele dia. Eu não queria nada daquele momento a diante. Não comia, não dormia, e ir para uma escola, era pior ainda. A situação era muito grave por causa da idade já avançada. Oitenta e três anos ele tinha. Quando o coordenador percebeu minha ausência há dias, ele entrou em contato

comigo, eu expliquei tudo e disse que não iria mais voltar. Ele lamentou profundamente, recebi dele e todos os colegas muito apoio. Ele disse para eu ficar tranquila, ajudar meu pai e minha família, mas não sair do curso porque era o último ano. Foram dias terríveis na nossa vida. Os médicos avaliavam e não nos davam esperança. Eles chegaram a liberar meu pai para ficar em nossa companhia em casa, porque não tinha mais o que fazer. Quanta dor senti naqueles dias e sinto agora em falar sobre isso. Dói profundamente. Sou uma pessoa religiosa, eu acredito que é Deus que nos move e o sofrimento faz parte da vida. Quando meu pai teve que ser internado novamente, foi transferido para um hospital com mais recurso em Belo Horizonte, ele foi tratado com muito cuidado, mas não adiantou. Depois de longo dois meses com muita dificuldade e tristeza ele faleceu. Como mencionei antes eu não queria e não podia ser mais nada. Meu bem maior tinha me deixado. Quem iria me xingar de ir para festas e chegar tarde com namoradinho em casa, quem iria comemorar mais um título do time que amávamos de paixão junto comigo. Todas essas recordações me levavam ao caminho de desânimo. Amar minha família acima do bem e do mal é meu lema. Não importa as brigas, as diferenças, o amor tem que ser em primeiro lugar. Meu pai faleceu em 2014, ano que o cruzeiro foi campeão novamente do brasileiro. Lembro que eu e minha mãe chorávamos muito, porque se o pai tivesse ali ele ia estar muito contente. Mas mesmo assim eu tinha que me alegrar, porque onde o pai estivesse ele estaria comemorando também. Durante o tempo que não fui a escola, meus colegas mandavam matéria para mim e os exercícios mais importantes os professores repetiram. Como eu tinha notas boas, consegui me formar como técnico em química. Não foi com alegria que eu desejava, mas concluí. Desde então eu passei o tempo, a ausência do meu pai era dolorosa. No final do ano de dois mil e dezesseis, o professor Rodrigo me ligou avisando que em 2017 iria iniciar o curso de engenharia Química e que era para eu prestar o vestibular porque ele acreditava que eu tinha total condições para fazer esse curso. No princípio não interessei muito, porque era muito cansativo, pegar van todos os dias, trabalhar e estudar ao mesmo tempo, ter o dinheiro necessário é complicado. Mas ele insistiu tanto que decidir tentar.

2.5 – Início de Engenharia Química

Quando cheguei à faculdade para o primeiro dia de aula, entrei na sala, me deparei com o cálculo I. O professor Vitor, era legal demais, ele tentava ajudar com nossas dificuldades, mas na faculdade o professor não consegue ficar nos dizendo item por item, tem que desembolar. Como no curso técnico meus colegas eram todos unidos, eu achei que seria assim também na engenharia. Que engano, era cada um por si, eu sempre gostei de analisar as pessoas ao meu redor. Saber quais são suas características. Não por fofoca ou mesquinha e sim por gostar da história de vida de cada um. Tem ser humano com histórias impressionantes, como superação e força. Voltando para o ambiente da faculdade eu não gostei de que eu comecei a viver. Grau de dificuldades alta e solidão. Até minha colega Efigênia do técnico, estava mudada. Não era amigável como antes. Eu não entendia o porque daquelas pessoas serem assim, ou se o problema era relacionado diretamente a mim. Quando você não tem atrativos para ir a algum lugar, isto se torna uma obrigação na sua vida e daí seu corpo começa a ficar doente e pedir arrego. Em meio esses fatos, entrou um rapaz simples como eu, ficamos amigos e sempre tentávamos nos ajudar, mas como não sabíamos muito, valia a pena a companhia dele. Como ele era pai de família e trabalhava, faltava muito e não conseguia acompanhar o andamento do curso. Era engraçado quando íamos assistir a aula de programação de computadores. Não entendíamos nada, e penso que o professor gostaria que sumíssemos dali. Mas não erámos os únicos que não aprendíamos. Todos tinham dificuldades, a diferença que erámos dois anos unidos. (risos) como sou muito insistente, eu fui levando. Conseguia notas boas em química, interpretação de texto, operações unitárias, mas cálculo e programação foi um fiasco. Com isso comecei a perder peso, não dormia, estresse, uma série de eventos negativos que me faziam pensar somente eu uma coisa: desistir. Conseguir fazer o primeiro semestre. Difícil mas passou. Quando chegou agosto, minha duvida era cruel, eu faria minha rematrícula ou não. Eu nunca gostei de cálculos, química era minha paixão. Quando penso na tabela periódica, nos elementos químicos, suas propriedades, as reações, fico em êxtase. Por que eu continuaria em engenharia, se eu não gostava. Mas gosto de tentar sempre. É melhor ter o sentimento que que tentou, deque arrepende

de não ter tentado. Fiz a rematrícula, paguei caro, e a noite fui para faculdade. Quando vi o ambiente, o professor de física I começou a explicar aula, eu tive a certeza que eu não queria e nem podia estar ali, voltei para casa e nunca mais fui lá. Eu não desisti de fazer a graduação em química. Eu queria estudar dentro das minhas possibilidades. Comecei a procurar na internet e encontrei falando do curso na Uniube, peguei o telefone e entrei em contato com a secretaria, eles me explicaram o processo, e que o curso iria iniciar em 2018. Eu agarrei a essa oportunidade. Seria benéfico pra mim, porque eu poderia trabalhar normal e resolver meus assuntos. Claro que teria que me dedicar muito mais, porque estudar a distancia exige muito de ns.

2.6 – A caminho da graduação

No dia que fui a BH fazer inscrição e saber como seria as aulas no Ava, eu fiquei surpresa. Aquele cenário hostil que deixei na engenharia química, tinha voltado para um ambiente saudável e gostoso do curso técnico. Duas moças que também estavam lá e faziam o curso, se aproximaram puxaram conversa, falamos sobre o curso, trocamos telefone. Desde o inicio até hoje no curso de química bacharelado, nós tornamos um grupo muito unido. Um ajuda o outro. As dificuldades existem e muito, mas quando a gente tem pessoas que estão do nosso lado, nos dá atenção e tenta sempre nos ajudar, é muito gratificante, tudo se torna mais fácil de lidar. Conhecer a Ellen, Natalia, Elisangela, Larubia, Antonio, Gilberto e os demais não tem preço. Moramos em cidades e estados diferentes, mas isso não impede que tenhamos uma relação recíproca de amizade e companheirismo. Os professores também estão sendo dez comigo. A Fernanda que vem nos acompanhando com os conteúdos de química, professor Wilson nosso tutor, professores: Isaías, Marcelo costas, a todos da faculdade Uniube, meu agradecimento por toda atenção e dedicação. Estamos no fim do curso, mas ainda falta passar pela última etapa, mas me sinto vitoriosa por ter chegado até aqui. Nem todos os dias são de glória, hora bem hora mal, tudo isso conta. Mas com fé em Deus sempre, quero terminar esse curso, trabalhar na área, quem sabe me dedicar a química ambiental porque gosto muito. Quero terminar com uma frase que gosto muito: O amanhã sempre será um dia melhor. E todo dia é dia de uma nova esperança.

3 – CONCLUSÃO DO TCC

Conclui-se que escrever esse memorial descritivo significou muito pra mim, pude resgatar momentos muito importante relacionado ao meu passado. Alguns desses fatos eu não gostaria de me lembrar, como a doença e morte do meu pai. Mas existem também aquelas experiências que são únicas na vida. Infância, sonhos, escola, colegas, maturidade, responsabilidades.

Ter um espaço onde eu pude expressar o orgulho que tenho das minhas raízes, confesso que emocionei algumas vezes. Falar da minha família é tudo de bom pra mim.

4 – AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos da minha família, meus colegas de escola, aos professores que me acompanharam e ajudaram nessa jornada.

5 – REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GILVANETE, Gilvanete Lopes da silva. **Memorial de uma educadora vitoriosa**. DISPONIVEL EM MODELO DE TCC EM 08/09/2021.